

POTURUS

Beto Ruschel

No ar, notícias que nunca foram contadas.

Uma homenagem carinhosa a uma menininha indígena da etnia Zoé que sorriu numa pequena clareira na Amazônia gentilmente e comoveu um industrial na imensa cidade de São Paulo

Naquela segunda-feira quem me chamava era o Diretor de Reportagens Especiais.

- O Chefe pediu para você falar com ele assim que chegasse.

- Tudo bem, Bruschel? Quero saber se viu o Jornal ontem. Acho que temos uma boa pauta p'ra um programa sobre índios que nunca foram contatados antes.

Menti que sim, que tinha visto.

- Então é isso. Se quiser segurar essa barra temos pouquíssimo tempo para gravar e mandar para o ar. Mas faça o seguinte: Veja outra vez a matéria que compramos de uns meninos de uma produtora independente, eles que gravaram este primeiro encontro. Por um acaso o avião deles teve uma pane e foi obrigado a pousar numa pista desconhecida. Vai lá ver o que temos. Depois passe aqui e me conta se temos programa e podemos arriscar.

Eu ia saindo e ele me chamou de volta.

- O povo encontrado propositalmente nem nome tem ainda. É um dos oitenta grupos indígenas sem contatos com brancos. E tem mais: Eles estão todos morrendo com uma epidemia de conjuntivite...

- Tenho um pedido, sim... - Pedi a ele que convocasse um senhor chamado 'Seu' João que eu vira no vídeo e que, claramente, era o único a entender-se com os índios.

Na manhã seguinte, quando o avião levantou o dia se fazia claro e eu pensava na correria que me esperava. Para Manaus, do Rio, seriam mais ou menos a quatro horas, de lá para Santarém outra hora e meia.

Olhando as nuvens brancas, ia pensando nas doenças que não eram tão nocivas pra nós brancos, mas dizimavam os povos indígenas chamados "não-aculturados", aqueles ainda sem contato conosco e a nossa cultura. Ia imaginando que a narrativa teria três "Tomos". Um, da viagem em si, no segundo contaria dos índios e sua maneira de viver doentes. No terceiro, mostraria as curiosidades e as reações e ideias sobre o que ia vendo e imaginando enquanto estive por lá anteriormente.

(Agora, contando esta aventura, dei-me conta de que o combinado deu certo).

Quando cheguei ao hotel, me avisaram que a equipe ia jantar do lado da piscina. Eles estavam me esperando naquele calor tão abafado e normal naquela região.

Conheci o Seu João e o Sidney Possuelo, os dois homens que eram da Funai.

Comentei:

- Achei original uma tribo usando um pauzinho comprido enfiado nos lábios inferiores. Em geral, conhecia adereços labiais de madeira em forma de círculos.

Possuelo explicou.

- Entre índios, todos têm uma “assinatura”, um adereço é sempre mais que um enfeite. Estes que vamos encontrar, pelo idioma, Seu João disse que pareceram ser Tupianos, ramo dos Tupis.

Seu João, quieto, e quem eu já vira falando com os índios na matéria do Jornal Nacional, contou que não compreendia todas as palavras que ouvia, mas que, as reconhecíveis eram parecidas com algumas linguagens Tupi.

- Então, devem ser mesmo Tupianos – concordou Possuelo.

Na madrugada, antes do raiar do sol, andando pela pista fomos apresentados ao helicóptero da Petrobrás que íamos usar.

O rumo a seguir era em parte desconhecido. Sabíamos que seriam duas horas e meia voando rumo noroeste, procurando pelo encontro de dois rios já mapeados e conhecidos, os rios Cuminapanema e Erepecuru. Para o caso de uma emergência, foram embarcados também três latões de duzentos litros de combustível cada.

- Será que vamos encontrar o lugar? - perguntei ao comandante que, pelo fone. respondeu – Temos gasolina pra errar duas vezes, mas nas beiras de rios há praias de areia para pousar e com calma estudar melhor qual a direção a seguir. Se houver algum erro, voltamos para Santarém sem a reportagem.

Passadas as duas horas, um pouco mais, o helicóptero fez uma curva mais fechada e lá embaixo, na mata, avistamos uma pista curta de terra, a um lado dela, um barraco pequeno. Quando passamos mais próximo ainda dele, saiu um homem que em nada se parecia com um indígena. Ele abanou.

- Devemos estar perto da aldeia - era o comandante falando - a descrição dos meninos da produtora confere.

Ele tinha razão. Um pouco mais à frente, mergulhada na selva, estava uma aldeia. Curiosas, figuras humanas saíam de suas ocas olhando para o céu...

Mais uma curva e do helicóptero vimos uma segunda aldeia próxima da primeira. O piloto desviou e levou a máquina barulhenta de volta à pequena pista. Levantando poeira, pousou.

O homem que nos abanara vinha protegendo os olhos e aproximou-se. Alto e forte, cabelos avermelhados cortados a escovinha, tinha a aparência de um irlandês com uma roupa típica de missionário. Ele esperou por nós.

Fiquei onde estava. Enquanto o grupo confabulava, estranhei o motor do helicóptero ainda funcionando. Achei o mecânico de voo sentado à sombra de uma árvore e perguntei-lhe o motivo daquilo tão esquisito: uma nave pronta para partir sem ninguém para pilotá-la.

- Gastamos mais combustível do que o previsto e os indicadores de óleo mostravam que em voo o motor vinha vindo superaquecido. Mas é só uma providência para evitar qualquer falha maior. Acabei de ver que a temperatura agora está normal. Resfriou.

Enquanto falávamos, vi por trás dele umas figuras que vinham saindo do mato e, vagarosamente, com todo o cuidado, andavam pela pista em nossa direção. O mecânico de voo também percebeu.

- Melhor chamar o pessoal. É perigoso esta gente chegar muito perto do helicóptero com as pás girando – ele levantou-se e foi até o barracão.

No grupo de sombras que não me via, estava um jovem que era mais arrojado e corajoso. Magro, o corpo atlético e vestindo uma bermuda surrada, ele foi chegando mais perto do "perigo".

Já ao lado do aparelho, estendeu a mão e suavemente tocou, respeitoso, o metal brilhante. Enquanto a mão passeava pela extensão do "corpo" da máquina voadora, na altura de uma das portas seus olhos apreensivos olharam para o interior da aeronave

A mão passeava devagar como que apalpando o metal, sentindo sua textura e resistência, o olhar ia e vinha por todos os ângulos que podiam descortinar. Girando devagar, as pás faziam seu cabelo preto mover-se, mas ele não se incomodava. Com cuidado, menos temeroso, seguia tocando de leve os reflexos no metal.

Seus gestos eram os de quem se estivesse "lavando" as imagens e reflexos espelhados que via.

(Mais tarde, eu soube pelo Seu João que os indígenas haviam “apelidado” o helicóptero de “gafanhoto (gigante) que caga gente”).

Passados uns dois minutos, o Irlandês e os outros vieram conversando e chegando mais perto de mim e do grupo de curiosos. Reparando bem, vi que o "cabelo de fogo" estava vestido de um preto empoeirado, sujo, e, em seu pescoço, havia um detalhe em branco como muitos religiosos usam.

Foi Possuelo que, ao chegar, esclareceu.

- O amigo ali - apontou o irlandês que falava com fluência o idioma dos indígenas - faz parte de um grupo norte-americano chamado "Asas para a Liberdade". Ele é um missionário catequista e já está a algum tempo por aqui. Os índios são seus amigos, confiam nele. O João, que agora já consegue se entender com todos, disse que são mesmo Tupianos...

Pedi ao cinegrafista que gravasse as imagens dos homens, ainda espantados com a nossa máquina voadora.

Enquanto ele trabalhava, eu pensava lembrando de uma construção branca que no caminho de nosso voo era claramente vista do céu implantada na selva. Por sua cor clara, se destacava...

Associei um "alguém" falando em "Asas para a Liberdade" enquanto passávamos sobre o local. A pessoa esclareceu que era um hangar com pista de pouso e decolagem de americanos também missionários, mas estes, ligados à CIA.

A história com CIA, no meio da selva, me pareceu invenção. Missionários, sim, mas a CIA metida naquele fim (ou começo) de mundo não fazia sentido nenhum...

Assim como aqueles homens do "pauzinho no beijo" já tinham ficado bem perto de nosso meio de transporte, em sinal de amizade e retribuição fomos convidados para visitar suas casas.

Em fila indiana atravessamos a mata que levava até a aldeia, quando percebi que a trilha estava muito "batida". Aquele devia ser o caminho que faziam para visitar o Irlandês, e vice-versa. Assim que entramos no círculo das ocas, as crianças e mulheres começaram a aparecer...

O poturú é o nome de um botoque feito do osso da perna dum macaco, ou um cilindro de madeira. É assim que tanto homens, como mulheres, carregam sua identidade, seu RG e "marca", uma diferença primeira entre outras tribos Amazônicas.

O uso deste artefato inicia-se com a introdução de um primeiro palito que é usado para fazer um pequeno orifício no lábio inferior das crianças que, aos poucos, vai aumentando e ficando maior e mais alargado. A cada troca de poturú, que se dá no mínimo de quinze em quinze dias, um poturú mais grosso e comprido é introduzido no buraquinho que o anterior deixou.

Além disso, cada um dos vários ritos celebrados pelos Zo'é são motivos para a troca dos poturús. Quando do nascimento, da morte, da primeira menstruação nas meninas e da primeira anta caçada pelos meninos, sua "marca", o poturú aos poucos vai ficando mais visível.

Com olhos curiosos e visíveis a me observar, apesar da paz do canto dos pássaros ecoando pelas sombras da floresta, havia um pouco de receio no ar.

Percebia-se que mesmo que eu fosse um homem parecido com todos eles, com cabeça, braços e pernas, ainda assim era um dos estranhos desconhecidos que chegavam dentro do gafanhoto gigante...

(Do papo com o Seu João e o Possuelo na noite em Santarém, aprendi algumas características do povo indígena que estávamos conhecendo).

Aprendi que tinham o costume de criar bichos de estimação e os levavam para onde fossem. Macacos de várias espécies, araras, até urubus-rei e porcos-do-mato eram domesticados e tratados tão bem como sendo da família. E eu, com minha cabeça de homem branco, tentava entender como animais que serviam de alimento, porcos-espinho ou macacos-prego, eram vistos como eternos e bons companheiros.

Sabia dos seus hábitos, eram nômades, coletores e caçadores. Quando esperavam por uma boa safra de mandioca, suas ocas, ou malocas, eram construídas em círculo, o que significava que ficariam ali por mais tempo.

Estava ali extasiado e apoiado num tronco de árvore e juntando outras informações já colhidas na Amazônia, quando da produção de outros programas "Globo Repórter".

Foi quando uma menininha duns seis ou sete anos, aproximou-se e "depositou" seu olhar em mim. Os olhos vivazes mesmo que sem a tiara branca me alumiararam. Fiz sinal para que viesse mais para perto de mim.

Foi o que ela fez e, em seguida, alisou a pele do meu braço. Sorriu, e eu correspondi.

Já éramos amigos...

Estas notícias que nunca vão ao ar, o famoso “por trás das câmeras”, estava bem a minha frente.

Enquanto via a indiazinha, a beleza de seu sorriso sentadinha ali perto, entendi que ficamos calados nos “namorando” simpaticamente afastados dos outros habitantes da aldeia.

Fiquei lembrando de outras ocorrências nas minhas idas a Manaus.

Na fase de investigação de um programa anterior sobre contrabando de ouro, confirmando o número absurdo de pouso e decolagens no aeroporto de Boa Vista, fiquei atrapalhado e espantado pelo que disse um garimpeiro ao descer de um Cessna – Asa – Dupla.

Ele falava alto para quem quisesse ouvir.

- Na serra taistisbroquim! Nem adianta ir lá, taistisbroquim! – a fala soava como um aviso.

Ele entrou no restaurante e eu sem entender o que ele dizia, fui atrás. Assim que encostou no balcão pedindo uma cachaça, outros garimpeiros o cercaram e eu não consegui mais me aproximar.

Sabia que, pela acentuação nas palavras e frases que dizia (algumas em português), não era nenhum dialeto dos povos indígenas que eu já conhecera na região.

De olho nos acontecimentos, fiquei por ali vendo o movimento dos teco-tecos subindo e descendo. Eram tantos que, às vezes, pareciam enxames de mosquitos ou gafanhotos pelo ar.

O motivo da quantidade de voos foram as notícias de muito ouro em novos garimpos atraindo centenas, quem sabe milhares de garimpeiros para a região toda. Eles sonhavam em “bamburrar” para voltar para suas casas ricos. O movimento de aviões carregando maquinário e gente se dava por estarem querendo achar mais ouro ainda, sonhavam com a loteria do garimpo.

Pela manhã, pedi ao piloto que estava conosco para que perseguisse os pequenos aviões, e ele seguiu voando atrás deles. Era assim que eu esperava encontrar um garimpo em plena atividade para documentar a “febre”.

Foi muito tempo de voo olhando para a mata que não terminava nunca. Os aviões que seguíamos levavam suprimentos e equipamentos, tais como bombas de água, motores e mangueiras para “sugar” água e terra do solo, na esperança de “dar num lugar abençoado”. Ao sobrevoar as pequenas pistas improvisadas, lá de cima e pelo rebuliço, seria possível adivinhar se algum grande veio de ouro fora encontrado?

Ficamos três semanas em Boa Vista sem achar o que buscávamos: ouro sendo extraído aos borbotões.

Pessoalmente, eu imaginava a festa que seria feita em ocasiões como aquela. As imagens seriam boas.

Num destes voos, depois de uns quarenta minutos de “verde”, vi uma grande construção branca de formato cilíndrico. Em torno dela, havia grama aparada.

- Que é aquilo, Comandante? Será que homens brancos já andam por ali?

O avião fez uma curva mais acentuada, mas logo retomou a direção em que vinha vindo.

- São brancos sim, mas não são brasileiros. São gringos. Andar muito baixo por aqui é “sujeira”. Já sobrou até tiro para muita gente, os caras não querem nem saber, queimam quem passa em baixa altitude.

- Gringos quem?

- Americanos, e a “coisa branca” é um hangar. A grama é uma pista que fizeram, os aviões deles são aqueles Hércules de carga, grandalhões. Só saem dali para decolar p’ra ir “pra casa”.

- Carga? De qual tipo?

- Ouro... não tem outra explicação, pô! – secamente deu ponto final no papo, o assunto parecia que lhe era indigesto.

Porém, mais à frente um pouco ele falou.

- Veja se consegue ver uma trilha limpa no meio das árvores.

Mesmo me esforçando eu não via nada.

- Perto é uma aldeia nova dos Yanomamis que ajudam os gringos.

(... eu até sabia. Poucos meses antes, eu havia lido uma matéria sobre os Yanomamis que recentemente haviam sido encontrados e atraídos pela Funai. Até então, eram os últimos índios desconhecidos se tornando conhecidos)

Nosso voo foi infrutífero, voltamos para Boa Vista.

Ouvindo fortes espirros lembrei-me que os Poturús/Zoés estavam doentes.

Levantei e chamei a indiazinha para que fosse comigo até a área das malocas, nem precisei porque ela já ia bem na minha frente, e ainda ia rindo de mim que ainda a procurava.

O repórter Chico José já havia chegado, e foi com o cinegrafista e saiu da mata indo na mesma direção que eu.

- Vou fazer a barba, foi uma correria p’ra sair lá de casa...

- Este ruído de helicóptero é do seu?

- Não, é o outro, o seu mesmo. O piloto disse que deu um problema no motor e não poderia desligá-lo. Vai ficar assim até vocês saírem de volta para Santarém. Está com medo dele não voltar a funcionar na hora da partida.

Quando o Chico sentou-se fazendo a barba, foi o maior sucesso. Ficou cercado por muitos homens curiosos e sorridentes. A “função” da barba com eles era diferente, nunca tinham visto aquela espuma branca, nem um barbeador em suas vidas. Nós, brancos, éramos cheios de muita novidade para eles.

Voltei a pé para onde estava a pista, a indiazinha vinha atrás de mim com outro rapaz. Ao chegarmos, os outros índios ainda estavam “maravilhados” com nosso gafanhoto. Principalmente por estar ligado fazendo aquele barulho.

O Seu João falava com o gringo em português, e confirmou que ele fazia parte do organização norte-americana “Asas para a Liberdade”. Estava morando no barracão e sempre em contato com a tribo. Fiquei olhando e procurando em seus olhos por sinais de uma conjuntivite...

Com gestos chamei minha parceirinha de passeio. Voltamos e fomos até a segunda aldeia perto da primeira. Naquele núcleo a conjuntivite estava mais espalhada e, preocupado com a minha amiguinha, voltei até a primeira onde ela morava.

Encontrei o Chico de barba feita e, de longe, percebi que tinha um problema.

- O barulho do helicóptero entra no áudio. Não vamos poder usar o ruído ambiente...

Avisando que ia partir logo (estava tenso pelo compromisso de colocar o programa no ar) pedi a ele que remasse “a canoa” de acordo com “a corrente do rio”, mas antes de partir, contei-lhe quais imagens já estavam feitas.

Voltei para a pista com o helicóptero ligado e minha amiga sempre atrás de mim...

Depois, fiquei muito mais apreensivo com as peripécias todas que me esperavam: o tempo necessário e a cada instante mais escasso para o fechamento do trabalho, pouco material bruto para usar, o cansaço (e medo) das correrias com o helicóptero com defeito sobrevoando a imensidão amazônica, a volta ao Rio fazendo as inúmeras baldeações, dependendo dos horários de chegada e saída dos aviões, a pista da Aldeia Zo’é-Santarém-Manaus-Rio.

Mas o pior de tudo: eu desembarquei no Rio, porém as “minhas” primeiras fitas foram parar em La Paz na Bolívia. Depois, os telefonemas para a companhia de aviação saindo do Tom Jobim para o Jardim Botânico com direito a um engarrafamento no Aterro do Flamengo. Com tudo isso, já era fim de tarde quase noite quando o Alencar e eu sentamos para editar o programa.

O resultado de um trabalho jornalístico em TV como o “Globo Repórter” depende de muita coisa. Em geral, precisamos de tempo para pensar o quê e como queremos realizá-lo, levantar as informações que precisamos para documentar o pretendido e, ao fim, contar a história que definimos como sendo ideal. No meio do caminho, estão os deslocamentos físicos que determinam tudo.

O mais desinteressante é que os prazos em geral são muito pequenos e o tempo do relógio continua avançando sem descanso. Por trás desta operação toda, está o momento de exibição

marcado (no caso) já anunciado ao público que gosta do programa. Neste caso específico, nos parecia que a ampulheta estava com defeito e a areia iria acabar sem aviso nenhum.

Numa ligeira revisão das fitas, “a decupagem física de memória ou anotadas num papel com o “ponto” ou minutagem das cenas em que estão as tomadas que queremos usar. É ali que se inicia a coisa toda.

Voltando à escura ilha de edição, depois dessa seleção, levamos umas quatro horas e meia para montar a primeira versão. Mas ainda faltavam o texto falado com a voz do repórter do programa e a sonorização.

Sim, esta era só a primeira versão... houve outra e aí sim ela foi definitiva.

Pelas nove e meia da manhã chega o repórter Chico José com mais material gravado, outras seis fitas. Assim, “toca a refazer tudo” incluindo as cenas “chegantes” que eram ainda desconhecidas.

Na revisão das agora onze fitas no total – de mais ou menos quarenta minutos cada – por casualidade, a imagem mais “marcante” era a da minha amiga indiazinha sorridente, a Zo’ézinha. Ela sempre aparecia num canto da imagem ou “em quadro” observando a tudo que estávamos fazendo.

“Que bom que ela tão alegre e linda não foi afetada pela conjuntivite...” era o que, emocionado, eu ia pensando enquanto o Chico descia para o estúdio para gravar seu texto.

Mas na minha cabeça teimavam em surgir outras imagens...

Na ordem, nas imagens editadas estavam a do garimpeiro descendo do avião em Boa Vista avisando que “Lá táitibroquin...” Depois, a visão aérea dos Yanomamis andando pela floresta com as cestas de palha nas costas. Também insistiam em aparecer a estampa do rosto vermelho do missionário “irlandês” sorrindo e o hangar branco brilhando “lá bem embaixo” com a pista gramada ao lado.

E, num repente, na minha imaginação o idioma do garimpeiro em Boa Vista ficou claro! O que ele vinha falando alto pela pista é que o garimpo de onde vinha estava “taistibroquin”, QUEBRADO.

Levei um susto. Era isso! Ele falava inglês! E, claro que havia aprendido com alguém! Imaginando, os fatos conhecidos, surgiu-me um roteiro completo:

(...nas aldeias da região de Roraima, com o surgimento, atuação e aproximação “simpática” dos missionários norte-americanos com os índios, estabeleceu-se uma amizade. A aproximação fazia parte do projeto “Asas para a Liberdade” já em pleno andamento...)

Dessa forma os indígenas de vários povos teriam sido convencidos a fazer o transporte do ouro descoberto nos garimpos até a pista do hangar que eu vira no meio da mata. Era longe, muito longe, mas para aquela gente habituada a caminhar com rapidez e quase correndo pela selva, não era nada.

(... nesse ponto nas imagens que eu lembrei, me via aos dezesseis para dezessete anos “perseguido” um jovem do povo Kuikuro que me guiava na saída do Posto Leonardo

estabelecido no Xingu pelos irmãos Villas-Boas... eu pedira a ele para conhecer o homem mais velho da sua gente...queria saber de histórias...então, naquela hora estávamos indo para a choça do Pajé afastada da aldeia... não esqueci nunca a dor nas pernas que sentia tentando acompanhá-lo “ao trote”... a visão das costas do meu cicerone vigorosamente balançando na minha frente... meu cansaço...e ele, me esperando apoiado numa árvore rindo-se do meu cansaço...).

A partir dali, para mim fez sentido o garimpeiro aprender palavras-chave em inglês. Por exemplo, um garimpo vazio, já explorado até “o osso”, quebrado, numa corruptela “internacional” transformara-se em “Taistisbroquin”.

(... presença dos missionários norte-americanos/irlandeses falando inglês entre aldeias indígenas, garimpos e garimpeiros justificava seu lucrativo trabalho para as “Asas para a Liberdade” ...

... ficava explicada a construção e financiamento do hangar, seu gramado... a agressividade com a qual qualquer avião era recebido por ali também ficava claríssima, óbvio que não seria produtivo que outros soubessem que nos grandes Hércules decolava a “peso de ouro” o valioso material que vinha pela selva nas costas suadas carregando cestas tecidas com palha e delicadeza...)

Essas informações, tivera anteriormente numa viagem gravando outro programa onde mostrava as modalidades de contrabando de ouro pelo Brasil.

O Chico José voltou para a ilha com a fita da sua gravação do texto pronto. Com ela editada, o programa ficou finalmente pronto. O Alencar e eu e estávamos terminantemente “prontos”, mas para dormir...

Minha casa era bem perto da Globo e assim que entrei fui direto para o quarto. No caminho, pedi para não ser acordado nem com uma bomba atômica.

Desmaiei.

No meu sonho ouvia a porta sendo golpeada e acordei sabendo que não era sonho nenhum, as batidas eram reais. Minha parceira cansou de bater e abriu a porta.

- Desculpe, mas não sei mais o que fazer. Um senhor de São Paulo já ligou três vezes e diz que precisa muito falar com você. Não disse o nome.

Levantei ainda dormindo, mas atendi.

- Sr. Beto Ruschel? Não sei como pedir desculpa, mas chateei tanta gente na redação que consegui seu número lá na TV Globo.

- Sim...

- Acabei de ver o programa dos índios Poturú com conjuntivite, fiquei muito emocionado e preciso urgente de uma informação sua.

- Sim...

- Como posso fazer para assumir a guarda daquela tribo? Sou empresário e quero adotar toda ela, protegê-la de contatos com brancos. Pensei em cercar a área, financiar remédios, equipe de médicos e o que for necessário para deixá-los isolados. O Sr. tem alguma indicação para eu falar com alguém que possa me auxiliar?

Enquanto ele falava lembrei-me do programa que eu também havia visto em casa.

- Sinceramente, não sei como ajudar. Embora creia que vá auxiliar dando-lhe um nome: Sydney Possuelo. Ele trabalha na Funai e poderia ajudar a descobrir essa pista para o Senhor. Desde já saiba que eu também torço por seu projeto.

- Não vou lhe pedir o número em Brasília porque amanhã cedo eu sei que encontro. Sabe Sr. Beto... não vou esquecer da indiazinha que, no fim do programa, fica no meio da poeira olhando e sorrindo para o seu helicóptero que está indo embora. Obrigado, boa noite. Vou procurar pelo Possuelo e, mais uma vez me desculpe... – desligou.

Este último caso dos Zo' é nesta narrativa teve um pouco das três aventuras simultâneas.

A primeira, contou como um “Globo Repórter” que foi ao ar no dia certo, finalizado em dois dias e meio e gravado a muitos e muitos quilômetros de distância do Rio de Janeiro.

A segunda denuncia a existência de uma tribo de indígenas ingênuos, simpáticos, dóceis que vivia perigosamente exposta a muitas doenças de homens brancos.

A terceira, e última, é uma homenagem carinhosa a uma menina que, com apenas um sorriso gentil, comoveu um industrial paulista.

Quando ele a conheceu pela TV estava a muitos e muitos, muitos quilômetros dela numa cidade imensa chamada São Paulo!!!!

Beto Ruschel